

Cinema, globalização e mercado

Bruno Hingst

O cinema se consolidou como uma das formas de expressão mais relevantes no século XX ao criar uma nova forma de linguagem, a linguagem audiovisual, ampliando também a discussão em torno de questões nos campos estético e social. Todavia, existe uma área da atividade cinematográfica que permanece desconhecida para um grande número de pessoas: a relação cinema e mercado, seus aspectos econômicos e políticos, decorrentes do processo que engloba estratégias de produção, financiamento, distribuição e marketing.

Devemos destacar aqui que a escassa literatura sobre o assunto disponível no mercado fica agora reforçada com a publicação da coleção *Cinema no mundo: indústria, política e mercado*, organizada pela pesquisadora de audiovisual Alessandra Meleiro, composta por cinco livros, cada um abordando um continente e apresentando realidade bem distintas.

A importância dos Estados Unidos para a indústria cinematográfica, em termos de pensar o filme como um produto, sendo seu planejamento voltado para os aspectos-chaves de um filme, como a produção, distribuição e exibição, resulta numa visão inteiramente industrial e mercadológica para o cinema.

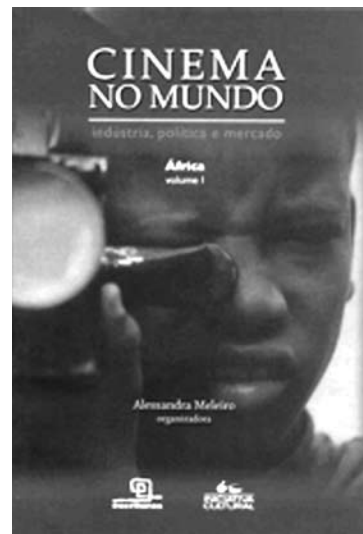
Esta visão, aliada ao fato de o cinema americano ter estruturado seu sistema de produção através dos grandes estúdios de Hollywood e da representação deles ao redor do mundo através da Motion Pictures em termos de proteção legal, no que se refere a todos os aspectos e produtos resultantes do filme, os Estados Unidos alcançaram também o domínio do mercado, no próprio país e no mundo.

A necessidade da busca da competitividade, fenômeno da globalização, levou uma parte dos produtores norte-americanos a buscar novas formas de produção a custos baixos, se

Cinema no mundo: indústria, política e mercado

Alessandra Meleiro
(Org.)

Coleção com 5 volumes
referentes à América Latina,
África, Estados Unidos, Ásia
e Europa. São Paulo:
Escrituras Editora, 2007.



associando a produtores de outros países, em função de acesso a mecanismos de incentivos fiscais e mão-de-obra técnica mais barata, mostrando que mesmo o estruturado cinema americano teve que se adaptar às mudanças efetivas no plano econômico e tecnológico.

A América Latina, por sua vez, ao longo do tempo, foi marcada por processos históricos e econômicos bastante tumultuados, e pela falta de uma maior integração entre os países que a compõem, apesar das semelhanças em termos culturais e lingüísticos. Podemos destacar que os países de maior população, como Argentina, Brasil e México, são também os que apresentam maior nível de industrialização e também de mercado em termos cinematográficos.

Mesmo assim, é importante destacar que um dos maiores problemas dos países sul-americanos sempre foi a dificuldade em buscar financiamento para filmes, aliado a problemas crônicos na distribuição e à baixa penetração das cinematografias locais, decorrentes do domínio dos filmes americanos nas salas de exibição por todo o continente. Para amenizar esses problemas, tem sido buscada uma maior

integração entre os países, através do Mercosul, aliada a políticas focadas na construção e aprimoramento de legislações que estimulem a produção e uma maior circulação dos filmes entre os países-membros.

Quando pensamos na Europa, claramente percebemos a idéia da cultura como valor e estratégia de afirmação e identidade e, acima de tudo, a importância que o cinema passou a ter em termos audiovisuais para cada país europeu, mais precisamente desde os anos 1950, quando o continente começou a pensar numa via de integração política, econômica e social (Mercado Comum Europeu), culminando com a integração monetária, mais recentemente.

Semelhante a todos os países ao redor do mundo, a Europa não ficou imune ao domínio crescente dos filmes americanos nas suas salas de cinema. Por isso, estabeleceu uma maior integração no plano cultural, criando novas políticas para o setor, através de instituições e fundos que estimulam uma maior produção cinematográfica, merecendo destaque o modelo francês de financiamento para o cinema.

A Ásia apresenta grandes diferenças no plano étnico, religioso e lingüístico. Onde o idioma chinês exerce forte influência sobre o Sudoeste Asiático, refletindo claramente na forma como está estruturada a indústria de cinema da região.

Os destaques no plano econômico da região são China, Japão, Índia e Coréia do Sul. Esta última, que permaneceu durante muito tempo com o mercado fechado e sob forte censura, se abriu para as mudanças, que no aspecto cinematográfico significaram um maior papel do Estado no estímulo, no financiamento, na participação dos grandes conglomerados econômicos (os *chaebols*), na produção dos filmes, além da existência de fundos que possibilitam a pré-venda de filmes para países da região, outra forma de ajuda para os realizadores.

O Japão é o segundo maior mercado de filmes na região, com grande domínio do filme americano nas salas de cinema. O seu setor do entretenimento é composto por grandes grupos que dominam a mídia e a

distribuição de conteúdo audiovisual, tendo, portanto, uma baixa participação do Estado e da TV aberta na produção e financiamento da produção cinematográfica local.

Apresentando o maior mercado de consumo da região, a China ainda tem, no plano econômico, um forte controle do Estado, que também é estendido para o setor cinematográfico. Recentemente, para aderir à Organização Mundial de Comércio o país teve que fazer concessões para o acesso de produtos estrangeiros, entre elas permitir associações na produção e exibição de filmes com outros países.

A Índia, apesar da complexidade do país, é uma das maiores indústrias cinematográficas do mundo, produz em média mil filmes por ano e é o mercado no qual o cinema americano tem pouco acesso, decorrente de questões morais e culturais. Isso possibilita que os produtores viabilizem e tenham retorno para os seus projetos, não exclusivamente através dos ganhos com bilheteria, mas através dos direitos fonográficos e de exibição na TV, o que levou o governo a reconhecer oficialmente o cinema como uma indústria estratégica para o país.

Na África, um continente marcado por diversas guerras, a exceção é a África do Sul, que conseguiu desenvolver uma sólida estrutura no setor cinematográfica, ao contrário da maioria dos demais países que se desestruturaram economicamente, tornando o cinema uma arte de ambições reduzidas. Apesar de a maioria dos cineastas africanos terem dificuldade para viabilizar seus projetos, em ex-colônias francesas ainda é possível conseguir apoio através de uma linha de financiamento da França. No mais, o caso curioso da Nigéria, que, com uma estrutura totalmente informal, viabilizou uma produção por meio do vídeo e a distribuição na forma de DVD, possibilitando a ampla difusão dos filmes para a população por meio da venda em feiras-livres.

Bruno Hingst é mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero, professor de Relações Públicas (Faculdade Cásper Líbero) e de Cinema (Universidade Anhembi Morumbi).